

A FOLHA

NOVA IGUAÇU, 21 DE MARÇO DE 1976

QUEM CALA CONSENTE

Em fevereiro de 1972, falando ao Corpo Diplomático, acreditado junto ao Vaticano, Paulo VI reivindicou para a Igreja a missão de educadora e crítica, e isto como conclusão lógica do "mandato que recebeu de salvar o homem".

E a função educadora e crítica da Igreja se exerce sobre a transformação das "estruturas legais que se tornaram instrumentos de injustiça".

E é por isso que a Igreja que fala geralmente em termos de bondade, de misericórdia, de perdão, de exortação e estímulo pela experiência que tem da fragilidade humana, pode mudar sua linguagem e se tornar salutarmente crítica. Como uma pedra de toque convida os homens a verificar se as condições alcançadas em seu esforço de crescer estão em harmonia com as exigências da justiça e da paz. O mesmo disseram os bispos, reunidos em Roma, em 1971, para o sínodo. Declararam que a educação para a justiça pode suscitar também "a faculdade crítica que leva a refletir sobre a sociedade em que vivemos" e que a missão do bispo lhe impõe o dever de denunciar corajosamente as injustiças.

Paulo VI tem exercido esta missão. No dia primeiro de janeiro de 1972 criticou energicamente a desordem estabelecida. Dirigia-se aos jovens romanos e visava as "desordens congênitais à nossa ordem social":

"Como se pode alcançar a paz, a verdadeira paz, aquela que resulta da verdadeira ordem? Porque pode haver de fato uma ordem falsa; há, sim, uma ordem imposta pela força, dominação, medo, ameaça, chantagem, abuso da fraqueza dos outros, hábito inveterado de manter as situações conquistadas, nas quais as pessoas sofrem e onde não é mesmo mais possível encontrar um alívio e um meio de melhorar a própria existência... Será isto uma verdadeira ordem? A escravidão é uma verdadeira ordem? A miséria social é uma verdadeira ordem? A pobreza, sem remédio e sem assistência, é uma verdadeira

ordem? A ignorância do povo intencionada com o fim de mantê-lo mais facilmente subjugado é uma verdadeira ordem? A dominação e a exploração dos fracos pelos fortes, dos pobres pelos ricos, é uma verdadeira ordem? O fato de alguns impedirem pesadamente suas idéias aos outros, sob pena de prejudicá-los, reprimi-los é uma verdadeira ordem? E a negligência dos responsáveis diante dos direitos alheios que não são observados diante da imoralidade escandalosa ou tolerância de uma licenciosidade nociva ao bem da sociedade, é uma verdadeira ordem? Onde não há leis razoáveis e eficazes, ou não são respeitadas, existe verdadeira ordem?

"Queremos dizer que existem ordens aparentes, falsas, contrárias ao bem comum, à liberdade legítima, à promoção das classes necessitadas, etc., que não podem merecer o belo e autêntico nome de paz. São mais *desordens toleradas ou estabelecidas*, do que ordem verdadeira, equilibrada e favorável ao bem-estar e ao progresso comum. São condições que podem dar uma certa estabilidade à vida pública, criar hábitos inveterados, levar a uma adaptação resignada, mas não podem gerar uma verdadeira paz.

"Isto é claro. Hoje já se difundiu a convicção de que não é possível existir verdadeira paz sem justiça".

Em 1971, 12 de novembro, o mesmo Paulo VI dizia aos participantes da conferência da FAO: "numa hora, em que alguns experimentam a insidiosa tentação de se concentrar num nacionalismo egoísta e fora de moda, cabe a vós abrir caminhos para uma cooperação internacional ampliada, que marca a *transição de economias dominadas* pela busca preponderante do lucro a uma economia de serviço do bem comum. Quem não vê isto? Só a este preço é que um planejamento inteligente dos inúmeros recursos das terras e dos mares poderá dar aos homens o que eles precisam para viverem como homens".

CATABIS & CATACRESES

A CONVERSÃO COMEÇA PELO OUTRO

1. O homem farto nasceu católico, criou-se católico, vive católico, pratica católico, morrerá católico. Sua vida inteira está marcada com a marca de católico. Ao que pertence naturalmente a missa em domingo e dia santo, a confissão da páscoa, o jejum e a abstinência nos dias marcados. E o resto que a Igreja manda.

2. Aqui está o ponto, leitor: o resto que a Igreja manda. E o que a Igreja não manda? E o que a Igreja deixa à tua e minha liberdade? E o que a Igreja espera de nós para ser cada vez mais ela mesma, Igreja de Jesus Cristo nosso salvador, Igreja comunidade que transmite aos homens escravizados a mensagem de libertação?

3. Ser católico marcado, isto é: católico que se realiza fazendo apenas as obrigações impostas, é muito pouco. A Igreja espera muito mais de nós. Assim, por exemplo, no tempo da Quaresma, que estamos agora vivendo. Abstinência de carne nas sextas-feiras. Jejum e abstinência na quarta-feira de cinzas e na sexta-feira santa. Tudo OK? Mas

isso basta? Jejum e abstinência querem ser apenas um convite a uma coisa mais importante. Sabe qual é essa coisa mais importante?

4. Já te conto, leitor bacanérrimo. Na hora em que o homem farto renunciar a qualquer coisa de sua fartura espontânea, para pensar e ajudar o irmão mais pobre; na hora em que o irmão mais pobre puder contar com a solidariedade fraterna do outro irmão; na hora em que o jejum e a abstinência significarem que alguma coisa melhorou dentro de você, a ponto de você se lembrar dos miseráveis e dos marginalizados, etc., nesta hora começou em você um processo de libertação espiritual que começa a ser também começo de cristianismo.

5. Agora sim, há no homem farto que se desenfarta, por amor, um princípio de marca evangélica, um princípio de vida nova que corresponde realmente ao espírito da Quaresma: tua e minha conversão.

A CASA DE DEUS NÃO É LUGAR DE SUPERSTIÇÃO

No começo, o povo da paróquia não confiou no vigário que o bispo mandou para lá. "Onde já se viu padre que bebe cerveja no bar da esquina". "Onde já se viu padre cabeludo". "Onde já se viu".

O novo vigário promovia reuniões para estudar o Evangelho e quase ninguém aparecia. O povo só queria a religião tradicional: batizar os filhos, ir à sua missinha aos domingos e ficar lá, calado, assentado no banco, ouvindo o padre. Foi preciso muita paciência e muito convite repetido com insistência, para a situação mudar. "Todos nós, a começar dos mais devotos, estávamos com os olhos fechados, me explicou Francisco José. Ninguém queria largar a rotina: missa de domingo, festa do padroeiro, promessas para resolver negócios e dificuldades familiares. Muita gente misturava devoção e superstição, credence e espiritismo".

Eu me lembrei da conversa de Francisco José, quando li o Evangelho deste domingo. Ele conta a primeira vinda de Jesus a Jerusalém, cidade santa, depois que começou a levar sua vida de pregador do Reino de Deus. O lugar mais importante da cidade, o seu centro, era o Templo. Estavam no tempo da Páscoa, a maior festa do povo, e muita gente tinha vindo, até de países longínquos, para cumprir suas tradições religiosas. Os ricos compravam

e imolavam bois novos e gordos, os pobres ofereciam em sacrifício duas rolinhas ou dois pombinhos. A páscoa era a festa da libertação, quando Deus tirou o povo da escravidão do Egito. Nos átrios do Templo, os negociantes amontoavam touros e carneiros, em grande quantidade, para o holocausto, gaiolas sem-número, cheias de pombos para o sacrifício. Os cambistas estavam também lá com suas bancas e cofres. Os gritos dos comerciantes, o mugido dos touros e o balido dos cordeiros se misturavam às orações dos fiéis. A invasão contava com a tolerância e a convivência das autoridades religiosas acabou por transformar os átrios do Templo em mercado e casa de negócios. Tal profanação era sinal de um pecado muito grave: a religião transformada em fonte de renda e em convenção social. O Deus vivo dos profetas desaparecia atrás de frases vazias e gestos rituais, ouvindo orações decoradas e recebendo homenagens sem importância, enquanto a justiça e a caridade eram esquecidas.

Jesus não se opõe ao holocausto, mas não pôde suportar tão grande profanação. Animado pelo zelo profético, apanha um punhado de cordas, improvisa um chicote e os expulsa do Templo. Poucos cris-

tãos imaginam Jesus de chicote na mão, empurrando homens e animais para fora dos átrios do Templo, sacudindo as mesas dos cambistas e fazendo o dinheiro rolar pelo chão: "a casa de meu Pai é casa de oração e vocês fizeram dela um covil de ladrões".

O povo gostou da atitude ousada do jovem profeta, porque o povo olha com simpatia o zelo religioso e o castigo dos poderosos que ele reprova, mas não tem coragem de enfrentar. A cidade estava repleta de gente vinda de toda parte e poderia, caso crescesse o entusiasmo, surgir um motim. Por isso os Chefes resolveram ir a Jesus: em nome de quem ousava fazer o que fez? Que títulos podia exibir para bancar a polícia religiosa do Templo? A resposta de Jesus os deixou convencidos de estar diante de um indivíduo exaltado e atrevido: "destruí este templo, e em três dias construirei outro". O Templo lhes custara muito dinheiro e 46 anos de trabalho, como poderia este fanfarrão reconstruí-lo em três dias? Habitados com a presença de exaltados e atrevidos, resolveram manter sob vigilância o jovem profeta.

Jesus não se referia ao Templo de pedra, mas a seu próprio corpo, à sua destruição pela morte e à ressurreição.

21 DE MARÇO DE 1976 — 3º DOMINGO DA QUARESMA

1. CANTO DE ENTRADA

(Missa «Caminhar Juntos», José Weber)

Estrilho: Juntos, como irmãos, membros da Igreja, / vamos caminhando, vamos caminhando. / Juntos como irmãos, ao encontro do Senhor.

1. Somos povo que caminha / num deserto como outrora / lado a lado sempre unido / para a Terra Prometida.
2. Na unidade caminhamos / foi Jesus quem nos uniu. / Nosso Senhor hoje louvamos: / seu Amor nos reuniu.
3. A Igreja está em marcha: / a um mundo novo vamos nós / onde reinará a paz / onde reinará o amor.

2. ACOLHIDA E RECONCILIAÇÃO

C. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

C. Irmãos, Jesus disse, um dia, aos fariseus e ao povo: "fico bobo de ver como vocês conseguem esvaziar o mandamento de Deus, para fazer valer a tradição de vocês. Por exemplo a lei manda honrar pai e mãe, mas vocês dizem: "o cidadão que declarar consagrar a Deus tudo o que pode ser útil a meu pai e a minha mãe" fica dispensando da obrigação de ajudar pai e mãe. E há muitas outras coisas deste tipo que vocês fazem" (Mc 7,3-13).

T. Jesus disse também: / "se você vai fazer uma oferta a Deus e se lembra / de que seu irmão tem uma queixa contra você / deixe sua oferta / e vai, primeiro, fazer as pazes com seu irmão" (Mt 5,23-25).

C. Estas e outras palavras de Jesus não valerão também para nós? Não acontece falarmos muito de Jesus e do Evangelho, mas fazer pouco caso dos outros? Procuramos Deus só por interesse? Gostamos de um santo só para pedir favores, pouco nos preocupando com seus exemplos e lições? (Silêncio).

C. Senhor Jesus, vós combatestes a religião exterior e interesseira e ensinastes que a verdadeira religião é a adoração interior de Deus e o amor ao próximo. Muitas vezes, não praticamos a religião de maneira correta, por causa de nosso egoísmo. Senhor, tende piedade de nós.

T. Senhor, tende piedade de nós.

C. Cristo, tende piedade de nós.

T. Cristo, tende piedade de nós.

C. Senhor, tende piedade de nós.

T. Senhor, tende piedade de nós.

C. O Deus da perseverança e da consolação, que não gosta da hipocrisia nem da falsidade, tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos livre de todo espírito de interesse, magia e superstição.

T. Amém.

3. ORAÇÃO

C. Ó Deus, fonte da misericórdia e da bondade, neste tempo de preparação para a Páscoa, recorremos à esmola, ao jejum e à oração, como remédio contra nosso egoísmo e sensualidade. A todos nós que estamos humilhados pela consciência de pecado, concedei o conforto de vossa graça. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.

T. Amém.

4. I LEITURA

Deus nos deu os mandamentos para nos ajudar a caminhar com mais segurança na procura da felicidade. Leitura do Livro do Êxodo (20,1-17): «Naqueles dias, Deus falou, pronunciando todas estas palavras: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outro Deus diante de mim. Não proferirás o nome do Senhor em vão. Lembrar-te-ás do dia de descanso para santificá-lo. Honrarás teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os dias sobre a terra, que o Senhor, teu Deus, te dará. Não matarás. Não cometerás adultério. Não furtarás. Não apresentarás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa de teu próximo; não desejarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem seu boi ou seu burro, nem coisa alguma que pertença a teu próximo». — Palavra do Senhor.

5. CANTO DE MEDITAÇÃO

(Missa «Caminhar Juntos», Pe. José Weber)

Estrilho: Eis o tempo de conversão, / eis o dia de salvação: / ao Pai voltamos, / juntos andemos. / Eis o tempo de conversão.

1. Os caminhos do Senhor / são verdade, são amor. / Dirigi os passos meus: / em vós espero, ó Senhor.

Ele guia ao bom caminho / quem errou e quer voltar; / ele é bom, fiel e justo: / ele busca e vem salvar.

2. Viverei com o Senhor. / Ele é meu sustento. / Eu confio mesmo quando / minha dor não mais agüento. / Tem valor aos olhos seus / meu sofrer e meu morrer: / libertai o vosso servo / e fazei-o reviver! (Sl 115).

3. A palavra do Senhor / é a luz do meu caminho; / ele é vida e alegria: / vou guardá-la com carinho. / Sua lei, seu mandamento / é viver a caridade; / caminhemos todos juntos, / construindo a unidade! (Cf. Sl 118).

6. II LEITURA

Dizer que somos salvos pela cruz de Cristo é uma loucura para os sábios deste mundo, mas, para quem crê, é o único caminho que liberta da perdição.

Da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios (1,22-25): Os judeus pedem milagres como prova, e os gregos buscam a sabedoria. Mas nós anunciamos o Cristo crucificado — a mensagem que é ofensa para os judeus e loucura para os não-judeus. Mas para aqueles que Deus tem chamado, tanto judeus como não-judeus, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois aquilo que parece ser loucura de Deus é mais sábio do que a sabedoria humana, e aquilo que parece ser fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana. — Palavra da Salvação.

7. III LEITURA

O verdadeiro templo de Deus é a humanidade de Jesus Cristo.

Do Evangelho segundo S. João (2, 13-25): «Alguns dias antes da Páscoa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. No templo, encontrou os que vendiam bois, ovelhas e pombos, e também os que estavam sentados, trocando dinheiro para o povo. Então ele fez um chicote com algumas cordas e expulsou todos do templo, e também as ovelhas e os bois. Espalhou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou suas mesas, e disse aos que vendiam pombos: tirem tudo isso daqui! Não façam negócio na casa de meu Pai, como se fosse um mercado. Então seus seguidores se lembraram das palavras das Escrituras Sagradas que dizem: «Meu amor por tua casa, ó Deus, queima no meu coração como fogo». Os líderes judeus então perguntaram: — Que milagre você faz para nos

provar que tem autoridade para fazer isto? — Derrubem este templo — respondeu Jesus — e eu o reconstruirei de novo em três dias! Eles disseram: — Este templo foi construído em quarenta e seis anos, e agora você diz que vai construir de novo em três dias? — Porém o templo que Jesus falava era o seu próprio Corpo. Quando ele ressuscitou, seus seguidores se lembraram de que tinha dito isto, e então, creram nas Escrituras Sagradas e nas palavras de Jesus. Quando Jesus estava em Jerusalém, durante a festa da Páscoa, muitos creram nele, porque viram os milagres que ele fazia. Mas Jesus não confiava neles, pois os conhecia muito bem. E não era preciso que ninguém lhe falasse sobre qualquer um, porque ele mesmo sabia o que cada um pensava.

8. PROFISSÃO DE FÉ

C. Creio em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra:

T. E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor: que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;

C. Nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado;

T. Desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai, todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

C. Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna.

T. Amém.

9. PRECES DOS FIEIS

C. Elevemos as nossas preces a Deus Pai que tem o poder de nos tornar firmes na fé para que não corramos atrás de vãs promessas de salvação.

Para que em nossa paróquia se preste a Deus um culto autêntico, em espírito e verdade, livre de superstição e hipocrisia, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Para que a renovação iniciada pelo Concílio Vaticano II seja posta em prática e bem acolhida pelos fiéis de toda a Igreja, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Para que os cristãos dêem a todos o exemplo de um culto verdadeiro, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Para que os que sofrem o peso da enfermidade, da pobreza, do trabalho excessivo, da alimentação insuficiente e das humilhações encontrem na oração fonte de energia a fim de não desanimarem em sua luta, rezemos ao Senhor.

T. Senhor, escutai a nossa prece.

C. Atendei, ó Pai, a estas preces que vos apresentamos e a todas as nossas necessidades para que sejamos consolados e fortalecidos em nossa esperança.

T. Amém.

10. CANTO DO OFERTÓRIO

(Missa «Caminheiros juntos», L. Pires)

Estrilho: «Sabes, Senhor, o que temos é tão pouco pra dar. / Mas este pouco nós queremos com os irmãos compartilhar.

1. Queremos nesta hora, diante dos irmãos / comprometer a vida, buscando a união.

2. Sabemos que é difícil os bens compartilhar; / Mas com tua graça, Senhor, queremos dar.

3. Olhando o teu exemplo, Senhor, vamos seguir, / fazendo o bem a todos, sem nada exigir.

11. ORAÇÃO DAS OFERENDAS

C. Ó Deus de bondade, olhai com amor para nossa oferta, que vos apresentamos, arrependidos de nossos pecados: Assim como somos por vós perdoados, fazei que perdoemos a nossos irmãos, para que, reconciliados com eles, nosso sacrifício vos seja agradável. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

T. Amém.

12. CANTO DA COMUNHÃO

(Missa «Caminheiros juntos», Miria Kolling)

1. É bom estar juntos / à mesa do Senhor: / e unidos na alegria / partir o pão do amor.

Estrilho: Na vida caminha / quem come deste pão. / Não anda sozinho / quem vive em comunhão.

2. Embora sendo unidos / é um o nosso Deus. / Com ele vamos juntos, / seguindo os passos seus.

3. Formamos a Igreja, / o Corpo do Senhor / que em nós o mundo veja / a luz do seu amor!

4. Foi Deus quem deu outrora / ao povo o pão do céu; / porém nos dá agora, / o próprio Filho seu.

5. Será bem mais profundo / o encontro, a comunhão, / se formos para o mundo / sinal de salvação.

6. A nossa Eucaristia / ajude a sustentar / quem quer no dia-a-dia, / o amor testemunhar.

13. ORAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS

C. Ó Deus, pela comunhão, fomos fortalecidos em nossa fé, e por isso vos damos graças. Não permitais que o medo e a insegurança penetrem em nós e nos conduzam à prática de ritos, que vos são ofensivos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

T. Amém.

14. DESPEDIDA (Antes da bênção)

Não participamos desta missa por superstição ou por interesse, mas para prestar a Deus, juntos, em uma só comunidade, o culto perfeito e santo, o sacrifício de louvor, porque a missa é a renovação do sacrifício de Jesus Cristo. Ao sairmos daqui, levemos o propósito de ajudar a todos os nossos irmãos a vencerem a ignorância religiosa e a se afastarem daqueles que exploram, com fins políticos e de lucro econômico, a religiosidade de nosso povo.

IMAGEM QUASE CHARADA

1. O garotão quer falar com o senhor, tá? Combinamos lugar, dia e hora. E com notável pontualidade, local, dia e hora, aparece desajeitado o garotão de dezessete anos que parecem vivência de mais dez e cara de menos cinco. Tá entendendo, leitor bacana? E começa. Não é por nada, sabe? O caso é o seguinte, pô. A garota se meteu a vítima, pô, mas não tem nada não, entendeu? Caso é o seguinte: a garota é bacana, começou tudo jóia, entende? e foi aí que sucedeu o que você tá pensando, mas não é, morreu? Pô, também não é caso pra tragédia, pô!

2. Eu sei, eu sei que ela é bacana às pampas, também se não fosse, pô, quem é que vai gostar do contrário, certo? Agora esse negócio pô de se julgar massacrada pô quando tudo foi jóia, brincadeirinha sem pô, mas não teve nada não pô, entendeu? Acho que você tá me entendendo, caso é o seguinte, tanto assim que eu falo francamente: eu me caso pô mas é com ela mesma, é uma garota legal, tá, eu não vou nisso de garota cassete, pô, certo? É o seguinte: nunca me amarrei em garota, era só pô pra curtidão pô, com essa não.

3. Com essa não pô, que é joinha de estimação, certo? Ela eu güento, sabe, que é bacana às pampas. Tanto assim que tem cara me dizendo: cai fora pô, senão tu entra pelo cano. Tá, eu só me caso com virgem, tá falado? Compreendeu? pô! Certo. Caso é o seguinte. Pô. Sabe? Jóia. Compreendeu? E cacoetes faciais, de mãos, de cabeça, de pés, de corpo inteiro acompanham os cacoetes verbais, tudo lógico, tudo inteiriço, tudo autêntico, numa indicação de mundo novo, marcado de novas marcas, onde talvez Cristo possa agir melhor, pô! (A. H.).

MINISTÉRIO DA PALAVRA

SISTEMA IDEAL?

Sistema político perfeito é uma utopia — Democracia ideal — Alguns elementos concretos — Realização aproximada — a Igreja não se identifica com nenhum sistema político — Missão profética da Igreja — Exemplo da Alemanha e da Áustria.

A FOLHA:

Gostaríamos de insistir: haverá uma opção para os sistemas fracassados (ao menos parcialmente) que se chamam Capitalismo e Comunismo?

D. ADRIANO:

Se você tirar de todos os dois sistemas políticos que chamamos Liberalismo/Capitalismo de um lado e Socialismo/Comunismo de outro todos os elementos válidos, sabe o que aconteceria? Teríamos a perfeição política realizada. Certo, uma bela utopia. Esse buquê de flores as mais bonitas de todos os jardins, sem espinhos, sem defeitos, seria a Democracia ideal. Tanto o Liberalismo como o Socialismo têm diante dos olhos esse ideal de sistema político ideal. Na prática o radicalismo de certas colocações chega a tal ponto que o ideal sai anulado ou pelo menos deformado comprometedoramente.

Mas se a Democracia ideal parece impossível e é de fato irrealizável, podemos afirmar que é possível e realizável um tipo de Democracia que procure conciliar os direitos/deveres da pessoa humana com os direitos/deveres da comunidade; um regime político e econômico que coloque como prioridade não a produção mas o homem, não o lucro mas o bem-estar, não um grupo de poder absoluto mas o maior número possível de cidadãos participantes e responsáveis; um sistema político que tenha a coragem da revisão contínua; um sistema político que procure a maior participação possível de todos os cidadãos; um sistema político que conte não com a passividade mas sim com a participação efetiva do maior número possível de cidadãos; um sistema político que procure, pela educação, conscientizar os cidadãos de suas responsabilidades comunitárias.

O ideal de uma Democracia perfeita, onde tudo funcionasse cem por cento, é inatingível. Mas assim mesmo podemos imaginar um tipo de Democracia que procurasse aproximar-se do ideal em muitos de seus aspectos fundamentais. Essa Democracia aproximada será possível, embora não seja satisfatória para todos. Repito o que disse anteriormente: a Igreja, como Igreja, não pode se identificar com nenhum sistema ou regime político, com nenhum modelo de desenvolvimento. Onde isto aconteceu a Igreja pagou caro por suas ligações perigosas. O que a Igreja tem de fazer, a partir de sua dimensão salvífica, é exercer sua missão profética

que denuncia os erros e contesta os transgressores da reta ordem; é infligir, através de seus membros engajados, a dimensão da justiça, da verdade, da honestidade, da esperança, do otimismo às atividades do Estado; é formar seus membros engajados para assumirem com toda a seriedade e autenticidade suas responsabilidades públicas e cívicas; é tomar a defesa dos direitos humanos, esses direitos fundamentais que sempre, em todos os regimes políticos e em todos os sistemas econômicos, podem ser violados graças a uma visão unilateral e deformada da pessoa humana e da comunidade. Cito alguns exemplos.

Na Alemanha e na Áustria se fez uma campanha cerrada em favor do aborto. A opinião pública foi bombardeada de mil maneiras. Os políticos se deixaram arrastar pela paixão e pela ambição. Durante as discussões a Igreja interveio. Inteveio pelos bispos e por leigos engajados. Tratava-se de defender o direito à vida. Mesmo numa democracia, onde tanta coisa funciona democraticamente, há razões para intervir, quando a Igreja, por sua missão profética, verifica que valores fundamentais da vida são violados ou podem ser violados por ação de minorias ou de maiorias manipuladas. Mesmo que seja derrotada, a Igreja tem de cumprir o seu dever e a sua missão profética. Num regime liberal/capitalista a Igreja está sujeita a restrições graves, de outra ordem que nos países comunistas. Em todos os sistemas políticos a ação da Igreja sofre dificuldades e restrições. A Igreja não pode acomodar-se a nenhum sistema político, para não sacrificar o dever decorrente de seu múnus profético: defender os valores básicos do homem como pessoa e como membro da comunidade.

A FOLHA

Ano 4 - 21 de março de 1976
Nº 200

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311
de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.